

O TEMPO

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA



5.10.95
52.

PROPRIEDADE DO

CLUB DE LITTERATURA

Director-chefe — Max Fleiss
Secretario — J. P. de Assis

ANNO 1]

MEZ DE AGOSTO, 1886.

[N. 2

RIO DE JANEIRO

Typ. Hildebrandt, rua d'Ajudan. 31

MDCCLXXXVI

O TEMPO

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA



5.109
521

PROPRIEDADE DO

CLUB DE LITTERATURA

Director-chefe — **Max Fleiss**

Secretario — **J. P. de Assis**

ANNO 1]

MEZ DE AGOSTO, 1886.

[N. 2

— • —

RIO DE JANEIRO

Typ. Hildebrandt, rua d'Ajuda n. 31

MDCCCLXXXVI

VISCONDE DO BOM-RETIRO

O Brazil foi dolorosamente surpreendido, ha alguns dias, pela noticia da mortal enfermidade de um grande cidadão: sobresaltou-se a amizade, accudiu a sciencia. O Visconde do Bom-Retiro estava em perigo de vida; todos pediam noticias do illustre enfermo, todos os amigos, o que vale — todos os conhecidos, porque não havia indiferentes, menos ainda desaffectos. Em vão. Chegára a derradeira hora d'aquella existencia, longa em dias e em bôas obras e o Sr. *Visconde do Bom-Retiro* entregou a alma ao Creador no dia 12 de agosto á 1 hora da madrugada.

A magua de tantos corações, que lhe eram dedicados, echoou na imprensa diaria e em todo o logar onde duas pessoas se encontravam.

A direcção da revista *O Tempo* acompanha a patria no seu lucto e resume seu sentimento na attestaçao d'este doloroso facto: morreu um eminente estadista, que possuia estes doux nobilissimos titulos: *homem bom, homem de bem.*

O TEMPO

« Aucune personne ne s'est donné la peine d'étendre et de conduire son esprit aussi loin qu'il pouvait aller»
(LA ROCHEFOCAULD),



vulgarisação dos conhecimentos geraes da sciencia, em nosso tempo, não é só uma necessidade, é um dever imperioso para as nações que comprehendem e acompanham os progressos reaes da civilisação.

Hoje a instruccão do povo já não pode limitar-se ás noções elementares da eschola primaria. Não basta ler e escrever o seu nome, é preciso associar no espirito da juventude á idéa de Deus e aos principios religiosos a explicação racional dos phenomenos da natureza, bem como a concatenação, a utilidade e o mechanismo das instituições sociaes.

Sem esta generalisação intelligente a educação é incompleta e o homem, que apenas a recebe, não pode aspirar por falta de comprehensão de seus direitos e

deveres, na ordem social e de seus legítimos interesses na esphera industrial ou economica, ao grande e nobre papel de cidadão, que é a base indispensavel da organisação social.

E' necessario, portanto, educar o povo, nas condições da nossa epocha e para os nossos fins.

Os tres grandes inventos, que deram em resultado a communicabilidade do pensamento pela imprensa e pela electricidade e a suppressão das distancias pelo vapor, que estabelece pontes maravilhosas sobre oceanos e approxima os continentes, supprimiram dos mappas geographicos a idade intellectual das nações. Todos os povos, embóra a sua autonomia politica seja recente, estão aptos para todas as conquistas do progresso material e moral.

Os elementos de instrucção são os mesmos para todos, e a diferença consiste apenas nos meios de applica-los.

E' n'esse sentido que devemos fazer convergir absolutamente todos os nossos esforços. E tambem n'este intento procuraremos vulgarizar n'este periodico, destinado a concorrer sinceramente para o progresso do paiz, todos os ramos de conhecimentos scientificos, litterarios e artisticos, dando conta dos processos e descobertas mais recentes que possam interessar e utilizar o leitor.

Assim pois os fins da revista *O Tempo* são nobilissimos e todos os brasileiros devem se empenhar para que uma publicação tão util como esta mantenha-se e progrida.

Rio, agosto de 1886.

CONGRESSO DE INSTRUÇÃO

CREAÇÃO DE UMA UNIVERSIDADE NO BRAZIL

(Continuação)

VI

Obedecesse embora à pensamento, que ainda hoje merece execração, prestou a ordem de Loyola um serviço que a justiça não pôde deixar de levar em conta de seus crimes.

Mas, enquanto esses factos se passavam, ocorriam outros que não devo omittir. Entendem elles como o desenvolvimento do proprio ensino superior na Europa, influenciada pelo exemplo da França.

VII

Não foi em Paris que se creou o ensino universitario.

Modeladas pela de Paris, e como esta auxiliadas por collegios iguaes aos que alli existiam, nasceram :

No proprio seculo XIII as mais celebres universidades de Inglaterra, Hespanha, Italia e França.

No seculo XIV as allemaes.

No seculo XV as dos Paizes Baixos.

De modo que, coevas ou não da criação de Felippe Augusto, eram perto de cincuenta as universidades existentes no principio do seculo XVI.

Os resultados de tantas universidades, sobretudo depois de Gutenberg, não se fizeram esperar.

Diminui a frequencia da universidade de Paris, mas generalisou-se o amor ao estudo, e cresceram as necessidades do espirito, augmentando com isso o numero das sciencias, que no seculo XIII se comprehendiam na palavra *philosophia*.

No seculo XV nasce a botanica ; no XVI a economia, a mechanica e a anatomia, em 1665 adoptada pela facultade de medicina de Paris.

No mesmo seculo XVI principiaram a florescer as sciencias physicas e naturaes, com tanto ardor cultivadas no seculo XVII.

Ainda no seculo XVII nasce a physiologia e a chimica.

Quando Bacon, no principio do seculo XVII, fez o inventario das sciencias por elle herdadas dos seus antecessores, que reducção tinha soffrido o vasto campo dos dominios philosophicos !

A sciencia, que começou abrangendo o conhecimento das *cousas divinas e humanas*, e no seculo XIII estava limitada às *cousas humanas*, no fim do seculo XVI já não podia ter esta comprehensão !

Volve um seculo, e Diderot na sua *Encyclopédia* testemunha novos progressos, que não mais permitem chamar philosophia tudo quanto Bacon tinha incluido no quadro della.

Mais ainda :

Os conhecimentos, que o mesmo Diderot teve de accrescentar ao inventario do sabio inglez, e as artes e officios, que, segundo elle, podiam sahir dos diversos ramos de saber até então cultivados, para logo provaram o advento da epocha assinalada pela reducção da philosophia ao simples estudo dos seres immateriaes.

Facto, que levou Catharina II da Russia a crear em seu imperio 150 gymnasios ou escholas secundarias, dominadas pelo espirito encyclopedista da França, mas que, infelizmente, não exerceu a mesma influencia nos demais soberanos da Europa.

VIII

Entra o seculo XVIII achando :

O ensino superior com algumas sciencias de mais.

O inferior — primario e secundario — entregue á escholas e collegios de corporações religiosas, que testemunhavam bem a piedade dos seus fundadores, mas

que apenas exprimiam um confuso sentimento das necessidades do espirito.

Esse estado de cousas pouco tardou a parecer insuficiente.

Nenhuma relação havia entre os tres gráus do ensino ; dahi a impossibilidade, em que estava, a instrucción superior de derivar para a inferior, a inferior de acompanhar os progressos d'aquella.

Pedia a sociedade que a instrucción interessasse ás carreiras publicas e a instrucción só lhe dava gentis-homens ou aldeões ; que a educação fosse practica, e a educação que passava do latim, consistia em conhecimentos literarios, cuja utilidade só para poucos moços não era negativa.

A consequencia do facto devia ser uma reforma, que entendesse com o todo, mas só entendeu com parte do ensino.

Crearam-se escolas militares, fundou-se o ensino da engenharia, com applicação á pontes, calçadas e minas, instituiram-se cadeiras de sciencias exactas e naturaes, assim como de linguas e artes, mas continuaram as escholas e collegios na sua pedantesca nullidade.

O desacordo entre a sociedade e o ensino tornou-se cada vez mais flagrante.

Entretanto, para dar á educação outro caracter, não valeram esforços nem exemplos.

Em 1775 fundou-se na Suissa um instituto (Pestalozzi), que mostrava a possibilidade de escholas inferiores ainda mais adiantadas do que aspirava a França, pois fazia o ensino da lingua nacional correr de par com a geometria, o calculo, a physica, a chimica e a agricultura, mas nem assim pôde a rotina cahir.

Trabalhada pelo espirito da Reforma, experimenta a Allemanha o ensino de Pestalozzi quando a França, adiante do seu governo, em vãos esforços lutava para por os estudos em estado de servir á nova civilisação que despontava.

O resultado sabe-se qual foi. A revolução francesa, achando o ensino estacionario, e declarando as suas instituições abaixo dos conhecimentos da epocha, o tufão revolucionario varreu tudo, sem que das novas creações decretadas pela convenção sahissem mais de duas realidades — as *escolas centraes* e a Eschola Polytechnica de Paris.

Quiz a assembléa nacional organizar o ensino de modo que, apresentando tres graus progressivos, atendesse ás necessidades de todas as carreiras, desde o artista e obreiro até os mais elevados profissionaes, mas o ensino primario por ella promettido não passou de letra morta.

Assume Napoleão a direcção do paiz, e publica um decreto, que parecia curar igualmente de todos e cada um dos ramos do ensino, pois mandava ministrar, instrucção primaria em escolas comunnaes do typo creado pela Convención, ensino secundario em collegios de humanidades e *elementos de sciencias*, e ensino superior em Lycens e escolas *especiaes*. Entretanto, esse decreto não passou da base, em que mais tarde devia assentar a celebre universidade imperial.

Organisou Napoleão o ensino secundario e superior, mas esqueceu inteiramente o ensino *commum*.

Assim por duas vezes effectuou a França de cima para baixo um movimento que devia ir de baixo para cima. Desgraça cujos effeitos ainda hoje deplora a grande paçao, que durante tantos seculos imprimiu sua influencia na Europa.

A Allemanha, que desde Frederico, o grande, havia feito consideravel progresso, distanciou-se do modelo *commum* a ella e outras nações; e a França, que Lutherº declarou aceitar por arbitro da luta, em que se empenhava contra o papa, em 1830 foi pedir ao povo allemão o typo do ensino primario, que elle tinha organizado desde 1802!

A. DE ALMEIDA OLIVEIRA.

(Continua).

Da classificação das sciencias

São numerosos os quadros de classificação das sciencias que, desde Porphyro até nossos dias, têm sido propostos em diferentes épocas por philosophos abalisados, representando os systemas philosophicos os mais diversos.

Sem attenderem, porem, a outra consideração, que não fosse a do seu modo particular de encarar as cousas, era sempre mais ou menos arbitrariamente que esses systemas se constituiam. D'ahi a sua ephemera duração.

Deixando de lado outros nomes de menor importancia, basta, para se avaliar o que eram os patronos d'esses methodos, citar os nomes de Bacon, o immortal chanceller, de D'Alembert, o celebre encyclopedista, e de Ampère, astronomo illustre de que a França se orgulha, a justo titulo.

Esses systemas, embora assim patrocinados, morreram em breve tempo e hoje tem apenas um valor historico, que dispensa a critica.

E' conhecida a classificação de Ampère que partindo de uma primeira divisão em sciencias *cosmologicas*, ou que estudam as leis da natureza e *noológicas*, ou que estudam as leis do espirito, chegava, de divisão em divisão a classificar 128 sciencias. Si a propria complexidade não fosse já uma arma contra ella, bastava considerar o absurdo de que partia—o antagonismo do espirito e da Natureza.

Mais simples do que essa era a classificação de D'Alembert, quasi igual a de Bacon, em que partia das tres faculdades da alma :—*memoria*, *razão* e *imaginação*, pretendendo abranger todos os conhecimentos humanos, incluidas as bellas-artes, como productos da imaginação. E' ainda o ponto de partida que arruina todo o edificio, pois que, como se sabe, essas tres faculdades foram

mais tarde substituidas por outras tres—sensibilidade, intelligencia e vontade ; ou, segundo Bain, por tres processos irreductiveis— identificação, differenciação e memoria ; ou, finalmente, segundo outros e mais exactamente, por uns processos sempre identicos no seu mecanismo, mas com maior ou menor complexidade de associações nervosas.

São estas as grandes classificações que nos legou o Passado. Em nossos dias dois grandes homens tomaram por seu turno a tarefa de construir duas outras classificações. São estas a de Augusto Comte e a de Herbert Spencer.

Falemos primeiro da de Comte, que se impoz facilmente pela sua extrema simplicidade, dispondo em serie rectilinea, as sete sciencias fundamentaes uma das quaes —a sociologia, creada por elle.

Sabe se bem quaes os pontos fundamentaes do Positivismo de Comte :

— Nós não conhecemos sinão phenomenos e esse conhecimento é inteiramente relativo a nós, nunca absoluto.

— Desconhecemos os neómenos (1) e o modo real da producção de qualquer facto, só conhecemos as relações de successão e semelhança e é ás semelhanças constantes que ligam os phenomenos entre si e ás successões constantes que os unem a titulo de antecedentes e consequentes que chamamos—leis.

— As leis dos phenomenos são tudo o que nós sabemos d'elles, sua natureza essencial (neómeno) e suas causas ultimas, quer efficientes, quer finaes, nos são desconhecidas e ficam impenetraveis para nós. (2)

Firmado n'estes principios de que foi, não o descobridor, mas o systematizador, e tomando por base o desenvolvimento historico da humanidade, Augusto Comte

(1) Traduzo assim a palavra franceza—*noumène*—que exprime a *cosa em si, a essencia das coisas*. Ignoro si ha outra traducção.

(2) Stuart-Mill—*Auguste Comte et le Positivisme*—Pag.—6.

construiu a sua classificação, em escala de generalidade decrescente e complexidade crescente.

- Mathematicas.
- Astronomia.
- Physica.
- Chimica.
- Biologia.
- Sociologia.
- Moral.

E' uma bella classificação, simples, coerente com o seu ponto de vista e, sobre tudo isto, quasi intacta, ha quasi meio seculo.

Herbert Spencer atacou o ponto de vista em que o auctor se collocou, censurou a exclusão da Psychologia e da Logica, e, finalmente, censurou tambem com pouca razão a ordem historica da Astronomia, antes da Physica.

Pela nossa parte estamos plenamente de acordo com a critica do ponto de vista que não foi certamente bem escolhido e convimos mesmo que ahi devêra se incluir a Logica ; mas cousa alguma d'estas pode impedir que se considere o trabalho de Comte como uma verdadeira systematisaçao, muito logica, muito perfeita, para o ponto em que se collocou.

O que fez Spencer, rejeitando o ponto historico ? Procurou as ideias fundamentaes da experiençia humana, achou-as no *tempo* e no *espaço*, correspondendo aquelle à successão e este à coexistencia dos phenomenos, e partiu d'ahi para uma divisão complicada em sciencias abstractas, abstracto – concretas e concretas.

E' inutil expôr aqui a sua conhecida classificação, basta saber o ponto de vista para o compararmos ao de Comte.

Para nós o ponto de Spencer é superior. Augusto Comte quiz partir do homem, inspirando-se justamente no relativismo, que de Protagoras á Hobbes e a nossos dias tem justamente prevalecido : julgou que a maneira de chegar a esse resultado era o methodo historico. N'isso está o seu erro.

O relativismo não é um principio a que seja necessário adstringir-se tão estreitamente, qualquer que seja o methodo, qualquer que seja a vontade do classificador, nada, absolutamente nada do que se fizer, poderá deixar de ser relativo, porque todas as nossas ideias, todas as nossas sensações são relativas, puramente relativas.

Spencer, procurou o *tempo* e o *espaço*.

E' um ponto de vista mais largo, mas igualmente indispensavel. O tempo e o espaço são, formas permanentes de todos os nossos pensamentos, das quaes é impossivel desligarmo-nos, siquer por um momento.

Tem, porem, uma superioridade sobre o de Comte este novo ponto de partida, introduz a ideia de *espaço*.



Ficaram expostos varios pontos de vista em que mais ou menos havia sempre razão, haverá porem, algum outro mais vasto, mais comprehensivo que abranja as ideias anteriormente citadas de *tempo*, e de *espaço* e que contenha igualmente a noção de *relativismo* e, si houver, não será este o mais legitimo?

Cremos que sim e este ponto de vista é a *Materia*.

Aqui o Positivismo nos dirá que nós não conhecemos a *Materia*, que não sabemos o que ella é. Tem razão, mas, porque não sabemos o que ella é, não devemos negar que exista. Podemos defini-la como o *neomeno de todos os phenomenos*, sem pretender conhecê-la; mas o que nos é impossivel, a menos de cahir nos sonhos disparatados da Metaphysica, é nega-la, como o fez Berkeley, como o fez Montalembert.

Espiritualismo, Positivismo, Pantheismo e Materia-lismo — todos são accordes em admitti-la. O Idealismo dos Hegel, é a loucura encampada nos arraiaes da philosophia, nem tem fôros de seriedade.

Mas por isso mesmo, que a *Materia*, é o *neomeno de todos os phenomenos*, a dificuldade de a tomar como base de classificação não fica resolvida; resta fazer a

classificação dos phenomenos pela ordem de sua complexidade.

Dir-se-á então que, tomado por criterio a *ordem evolutiva da complexidade dos phenomenos que dão assumpto das diversas sciencias*, nós desdenhamos d'esse ponto de vista objectivo, o relativismo humano.

E' um engano.

Toda a classificação deve visar o homem, deve toma-lo por ponto cardeal, mas não quer isso dizer que deva começar d'elle. O que ha a fazer é colloca-lo no seu verdadeiro lugar. E' dizer que degran elle occupa, o que o originou e o que elle origina.

Depois de Darwin e de Haeckel os grandes luctadores do transformismo, que o arraigaram nas concepções d'este seculo, modificando todas as sciencias, as velhas classificações naturaes da zoologia mudaram completamente. O principio da *evolução, do progresso* (*) deu origem as novas classificações de que Haeckel, uma das cabecas mais geniaes da nossa época, foi um dos primeiros introductores.

Nas classificações naturaes parte-se dos sérés mais simples para os mais complexos, da monera e do bathybio para o anthropoide e para o homem. E' a ordem historica dos phenomenos, evoluindo lentamente, e complicando-se cada vez mais.

Que se diria do naturalista que tomado por base o *desenvolvimento historico da Humanidade* classificasse os sérés pela ordem em que elles foram estudados ? Que era um desarrasoado.

Não se objecte que o caso não é o mesmo. E'. A sciencia é um corpo unico, é a interpretação da Natureza, a investigação das suas leis. Classificar — as sciencias — é classificar os assumptos da — Sciencia —, é classificar as partes de um todo; como classificar animaes é classificar os assumptos da zoologia.

(*) Entenda-se *progresso* com a definição de Spencer: *passagem do homogêneo para o heterogêneo*.

O criterio proposto é sempre applicavel e tem a vantagem de harmonisar-se com o das sciencias naturaes.

* * *

O quadro seguinte resume claramente o pensamento que presidiu á nova classificação :

Physica	Astronomia—Biologia—Psychologia	Logica	Mathematica	Moral
Chimica			Sociologia	

Resta agora justificar a classificação apresentada.

Porque começar simultaneamente pela Physica e Chimica ? Porque, seja qual fôr o estado em que nós concebermos a Materia, no seu mais amplo sentido, antes mesmo de estar constituída em astros, não a podemos conceber sem propriedades chimicas e physicas.

Seja qual fôr a theoria adoptada sobre a evolução universal, desde a Biblia e dos Vedas (*) até Kant e Laplace, é impossivel, absolutamente impossivel, concebe-la sem essas propriedades physico-chimicas. E' pois o degrau mais geral e mais elementar dos phenomenos naturaes.

Vem em seguida a Astronomia. E' o gráu da evolução da Materia imediatamente menos geral e já dependente dos phenomenos physico-chimicos de que é o resultante.

Constituidos os astros, apparece depois a vida — d'ahi a Biologia.

Mas eis que surge uma nova discordancia entre a presente classificação e a de Comte : porque introduzir a Psychologia, que elle excluiu, ou melhor que elle incluiu na Biologia ? Spencer tem, pois, razão ?

Foi uma simples conveniencia de escala que fez desdobrar a Biologia.

Sem duvida alguma as funcções psychicas são funcções naturaes, que entram perfeitamente nos es-

(*) Na Biblia em hebraico e nos Vedas diz-se que Deus modelou o mundo. Admitte-se sempre a preexistencia da Materia.

tudos biologicos, do mesmo modo por que, como disse Vogt, entra n'essa sciencia estudo das funcções do fígado ou dos rins.

O que ha, porém, é que as faculdades psychicas só começam de certo ponto em diante da escala zoologicas em cujo extremo está o Homem. Eis a causa da separação.

Aqui, porém, é que se acha a difficultade capital :— chegamos ao Homem. Porque partir d'ahi para as Mathematicas que na classificação de Comte abrem a série ? Pois não são os phenomenos mathematicos os mais geraes, os mais primitivos ? Sim e não.

Sim — porque o Homem, *formando* a Mathematica, *criando* a idéa de relação segundo os phenomenos naturaes, achou-a depois, n'esses mesmos phenomenos.

Não — porque a Natureza não conhece as leis mathematicas. Os corpos só cahem na razão directa da massa (1) e na inversa do quadrado das distancias porque o Homem de convenção em convenção tendo criado a Mathematica applicou-a depois ao estudo da Natureza.

Os corpos cahem, giram, são quentes ou frios, tem tal ou qual densidade, mas não conhecem relações mathematicas, que são concepções meramente subjectivas, sem realidade objectiva.

Sem o Homem, ou melhor, sem um ser psychologico não ha Mathematica, não ha ideia de Numero. Na Natureza só ha unidades, não existem duas cousas semelhantes.

E' por isso que a Mathematica vem depois da Psychologia, presupõe o Homem ou outro sér psychico (2).

A razão do lugar da Sociologia (3) é facil de com-

(1) Bouchehorn substituiu na lei de Newton a *massa* pelo *volumen e velocidade*.

(2) São numerosos os exemplos de animaes que contam até certo ponto.

(3) Sociologia como a sciencia que estuda as leis que regem as sociedades (humanas, ou não.)

prehender. Só os animaes do certo desenvolvimento psychologico constituem-se em aggregados sociaes.

Faltou-nos, porem, mencionar a Logica que Comte excluiu da sua classificação.

A Logica, porem, como a sciencia da investigação e demonstração da verdade é a base mesmo de todas as sciencias, o fim e o meio de que o Homem se serve em todas as suas operações intellectuaes.

Si, todavia, Augusto Comte não a incluiu foi porque, mostrando, como o fez Stuart-Mill, a inanidade da logica Aristotelica, não logrou nunca construir uma theoria sua para substituir aquella.

Teve muita razão o pensador francez. Quando a propria Consciencia é fallivel, onde buscar um criterio para a certeza? Em parte alguma. Sejam, porem, quaes forem os methodos empregados, com estes ou aquelles defeitos, força nos é contentarmo-nos com a certeza relativa, cujo melhor criterio é media geral da consciencia universal, baseada na experiençia e na observação.

A investigação e a demonstração da verdade, objecto da Logica, são pois as bases de todas as sciencias humanas.

A Moral collocada em ultimo lugar, como na classificação comista, tem identica razão de ser: é uma resultante de todas as sciencias.

* * *

Eis em poucas palavras as justificação do novo quadro. Carecia sem duvida alguma desenvolvimento muitissimo maior sobretudo na parte relativa á Mathematica.

Não cabe, porem, nos limites d'este trabalho.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

UMA LIÇÃO DE PHILOSOPHIA

SENSIBILIDADE MORAL

A *sensibilidade moral* é a faculdade que tem a alma de experimentar os prazeres e os desprazeres que resultam das relações sociais.

Qualquer homem, que vive entre seus similares, sabe, por experiência própria, que sente em si mesmo, ora inclinação a certas pessoas, ora aversão a outras, e algumas vezes aversão à mesma pessoa, a quem anteriormente houve inclinação.

Este modo de ser do espírito é o que se chama *sentimento affectivo*, ou simplesmente *affectão*.

As *affectões*, que nos movem a unir-nos a nossos similares, chamam-se *affectões sociais*. Ao contrário, as *affectões*, que nos inspiram aversão a nossos similares, chamam-se *insociais*, ou *dissociais*.

A divisão das *affectões* em *affectões sociais* e *affectões insociais*, está geralmente admitida. Muitas vezes, entretanto, se chamam as primeiras *affectões benevolentes* e às ultimas *affectões malevolentes*.

Affectões sociais. As *affectões sociais* mudam de nome conforme a pessoa, que é d'ellas objecto e a quem queremos felicitar. Estes nomes são numerosíssimos, taes são o *amor*, o *amor conjugal*, o *amor paterno*, o *amor materno*, o *amor filial*, o *fraterno*, o do *parentesco*, as *affectões* de *mestre*, de *discípulo*, de *collega* e suas analogas; o *patriotismo*, a *philantropia*, e *charidade*, etc.

Quaesquer que sejam estas *affectões*, apresentam elles sempre tres graus: — a *sympathia*, a *benevolencia* e o *amor*.

A *sympathia* é o primeiro grau, e consiste na inclinação que o espírito experimenta por alguém quando crê que o mesmo sentimento é experimentado a seu respeito pela pessoa que o causou.

A *benevolencia* é o segundo gráu da *affectão social*, e consiste no sentimento de um espírito, disposto não só a livrar a outrem do mal, mas ainda a fazer-lhe bem.

O *amor* é o terceiro e mais alto grau de *affectão social*, e consiste na tendência irresistível do espírito, disposto não só a livrar a outrem do mal, sinão ainda a fazer-lhe bem até com sacrifício.

Assim, o carácter geral das *affectões sociais* é o de nascerem, crescerem e extenderem-se. Ellas são *agradáveis* por si mesmas, porque aprazem e felicitam a alma que as experimenta. São *agradáveis physicamente* por produzirem no corpo commoções favoráveis à saúde, em

quanto não são excessivas. É inexacto que para ter-se boa saúde seja indispensável haver-se bom estomago e mau coração. Estas affecções tem por expressão physiognomica um semblante alegre, cheio de graça e de encantos ; tem por «expressão vocal» sons melódiosos. São, emfim, «amaveis e contagiosas».

Affecções Insociaes — As affecções insociaes são o contrário das affecções sociaes. Da-se-lhes, como a estas, uma infinidade de nomes diferentes. Qualquer, porém, que seja o nome, com que se conheça cada qual d'ellas, notam-se-lhe sempre tres graus, correspondentes aos das affecções sociaes. Estes graus são : a «antipathia, a malevolencia e o odio».

A «antipathia», primeiro grau da affecção insocial, é o sentimento de aversão que experimenta o espírito a outrem, que suppõe animado a seu respeito de igual sentimento. Frequentemente a antipathia é causada por algum mal produzido em nosso dano ou de outrem, com quem sympathisamos.

A «malevolencia», segundo grau da affecção insocial, é a antipathia elevada ao ponto de levar-nos a fazer mal á pessoa, a quem temos aversão.

O «odio», terceiro e mais alto grau de affecção insocial, é o estado do espírito, que deseja de um modo absoluto, contínuo, fazer a alguém qualquer mal de que elle próprio seja a causa, e ainda com sacrifício de uma parte de seu bem.

As «affecções insociaes» são desagradáveis em si mesmas, porque atribulam e infelicitam o espírito que as têm. São «desagradáveis physicamente porque constituem no corpo um estado enfermigo. Tem por «expressão physiognomica um semblante de aspecto tanto mais repulsivo, quanto mais elevado é o grau da affecção. Tem por «expressão vocal» sons entrecortados, estridentes, clamorosos. Emfim as «affecções insociaes» são «repugnantes, afflictivas, ignobres».

A razão da diferença dos caracteres das «affecções sociaes» e das «affecções insociaes» acha-se em nossa propria natureza. Deus organizou-nos de modo que fôssemos aptos a viver em sociedade, que natural e instinctivamente desenvolvessemos em nós o principio de expansão e de charidade em que descansa a sociedade e comprimissemos o principio opposto.

Ao estudo das affecções, igualmente que ao das sensações e dos sentimentos e commoções, cumpre acrescentar-se o de alguns phenomenos psychicos que se chamam. — Iº «prazeres cordeaes ou prazeres moraes ; «penas e desprazeres cordeaes ou penas e desprazeres moraes 2º desejos cordeaes ou desejos moraes. »

«Prazeres cordeaes e penas e desprazeres cordeaes». Toda a affecção social é agradável : dá ao que a experimenta, satisfação, contentamento, felicidade, na proporção do grau de vivacidade a que attingiu. Ao contrário, toda a affecção insocial é desagradável, perturba e molesta de um modo analogo, dando incommodo, descontentamento e infelicidade na proporção tambem de seu grau de vivacidade. O gosto e o desgosto, que acompanham ora umas, ora outras affecções são o que chama «prazer cordeal ou moral e desprazer cordeal ou moral».

De mais, como entre as nossas acções algumas são practicadas no intuito de aproveitarem a outrem, e outras com o proposito de lhe prejudicarem, ao passo que outras acções são practicadas sem intenção alguma que lhe diga respeito, o conhecimento ou a crença de que o acto tem algum dos primeiros caracteres, occasiona-nos certo prazer e o conhecimento ou crença opposta certo desprazer ou certa pena ; no ultimo caso, porém, este conhecimento ou esta crença nos é absolutamente indiferente.

A linguagem vulgar parece contradizer esta teoria ; porque n'ella é commum fallar-se no «prazer da vingança.» Mas esta contradição é apenas apparente, porque o prazer que então se sente não é o de ter-se feito mal, mas antes o que nos dá a certeza da nossa superioridade. Além d'isso, esse prazer, seja qual fôr o seu motivo, é sempre misturado de amargura ou de pena, a qual, sendo bem estudada, parece provir evidentemente da consciencia da intenção malevolente, que nos move a obrar. O mesmo succede nos mais casos similhantes. Estes prazeres e estas penas donominam-se «prazeres ou penas cordeaes.»

No numero d'estes prazeres e d'estes desprazeres ou penas cordeaes, entram os que experimentamos por viver na sociedade, ou na solidão e outros factos analogos.

Desejos cordeaes — Toda a pena ou desprazer cordeal occasiona um «desejo» correspondente, que tambem se chama «cordeal.»

Por isso esses desejos são tão varios, como as penas que os causam.

Um dos mais notaveis é o de buscar a companhia de nossos similhantes, afim de encontrar ahí objectos para nossas affeções, ou de fugir da sociedade para termos a paz e o descanso de que carecemos.

Outros desejos são os que nos movem a buscar novas affeções com o fim de completar as que temos e reputamos por insufficientes. A estes dá-se o nome de «desejos melancolicos ou de melancolia.»

Affecções derivadas — As affecções de que temos tractado tem todas por objecto o homem ou o espirito

humano. Cada uma d'ellas é uma relação de homem a a homem de um similhante a outro. Mas além dos homens, ha na terra animaes, vegetaes, e uma infinitude de entes inanimados ; fóra da terra ha os astros que vemos gyrar na immensidão do espaço ; e acima dos homens o nosso espirito concebe a existencia de outros entes gradualmente postos até o Ente Supremo e infinito que é Deus.

Ora, n'esses animaes cremos haver naturalmente uma alma até certo ponto similhante á nossa. Por extensão affiguramos tambem havel-a nas arvores, nas flores, no oceano, nos rios, nos regatos, etc. Assim tambem imaginamos uma alma similhante á nossa, mas gradualmente mais perfeita, nos entes superiores, acima dos quaes Deus, o Ente necessário, increado, creador de tudo.

Arrraigadas estas crenças em nosso espirito, qualquer d'estes entes pôde constituir-se e constitue-se-nos effetivamente um objecto de « affecções benevolentes ou malevolentes.» Dão-se diferentes nomes a estas affecções, que, sendo bem analysadas ; não parecem differir de quaesquer outras affecções humanas, transferidas a entes para os quaes se transferiu primeiro a humanidade, fazendo-a como que « derivar » ou correr para elles. E por isso que a estas affecções se dá o nome geral de « affecções derivadas.»

A lição que se acaba de ler, e que pela primeira vez é publicada, foi escripta, ha 30 annos, na cidade do Recife, quando, a pedido de meu collega e amigo o Sr. Dr. Joaquim Barbosa Lima, proprietario do collegio de Nossa Senhora do Bom Conselho, tive de substituir por alguns dias o professor de philosophia.

Julgo conveniente fazer esta declaração para que me não supponham inteiramente estranho ao movimento intellectual da actualidade.

Sei que, nos 30 annos decorridos desde então, tem-se pretendido inculcar que se operou uma radical mudança nas relações da philosophia e da sciencia ; que a sciencia tende a fazer desapparecer e a substituir a philosophia e particularmente a philosophia espiritualista, a qual se entende ser inconciliavel com os intuitos, o methodo e os resultados da sciencia contemporanea.

Ora, eu estou muito longe de ser d'esta opinião, a qual, a meu ver, não tem nenhum fundamento plausivel. Estou intimamente convencido de que nenhum antagonismo existe e nem pode razoavelmente existir entre a philosophia e a sciencia, cada uma das quaes tem a sua esphera de accão bem determinada, sendo, pelo contrario, perfeitamente conciliaveis, auxiliares e complementos uma da outra.

Creio, pois, nos progressos da sciencia, devidos ao aperfeiçoamento dos processos e dos instrumentos de observação. O que eu não creio, o que se não pode de modo algum admittir, é que esses progressos, que as descobertas feitas n'estes ultimos tempos possam conduzir ao «positivismo, ou ao» materialismo». Estou, pelo contrario, convencido de que todas» as conquistas da sciencia contemporanea confirmam os principios cardeaes da philosophia espiritualista, como procurarei demonstrar em artigo especial.

O meu fim, aqui, é fazer sentir que, sem ser estranho aos progressos da sciencias, continuo a acreditar na existencia de Deus e da alma ou espirito humano, como acreditava ha 30 annos, e mais convencidamente agora, si é possivel, fundado n'essas mesmas descobertas scientificas, de que se tem querido tirar argumento em favor do «positivismo» e do «materialismo».

DR. CAMPOS DE MEDEIROS.



**A obra historica do Reverendo capuchinho
Francez Ivo de Evreux e Mr. Ferdinand Diniz**

*Uma photographia mostrando o retrato d'esse
virtuoso sacerdote*

Pequena Memoria, lida na noite de 16 de Julho no Instituto historico e geographico, honrado com a augusta presença de S. Magestade o Imperador.

Quando o nosso sabio e venerando consocio Mr. Ferdinand Diniz, conservador então da Bibliotheca de Santa Genoveva, publicou em 1864, a obra, que traduzi em 1874, intitulada «*Viagem ao Norte do Brazil feita nos annos de 1613 á 1614 pelo Padre Ivo de Evreux, religioso Capuchinho*» em sua notabilissima *Introducção* elle historiou, servindo-me de suas proprias expressões, a sorte caprichosa, que esperava este livro em França.

Depois de impresso foi destruido para não ser entregue à publicidade e à circulação com o fim politico de dissipar qualquer sombra de desgosto, proveniente do casamento de Luiz XIII, ainda menino, com uma Princeza

Hespanhola, dupla aliança projectada em principio de 1612, porém só annunciada oficialmente em 25 de Março do mesmo anno, e realisada tres annos depois.

Graças aos cuidados do Almirante Francisco de Razilly companheiro de fadigas d'este Missionario, ponde salvar-se da destruição da obra « algumas folhas, as quaes reunidas mostrarão a lamentavel perda de diversos fragmentos, e com essas lacunas tão importantes foi impossivel formar um exemplar completo.»

Guardadas assim mesmas como valiosa preciosidade, nas estantes da bibliotheca de Santa Genoveva, foram em 1835 descobertas pelo nosso sabio consocio.

Deo noticia d'este facto ao Mundo na *Revista de Pariz* no artigo «*Antigos viajantes franceses.*»

O Brazil com alvoroco saudou o nome do velho viajante, e lhe deo lugar distincto entre os autores pouco conhecidos, mas que devem ser consultados quando se tracta dos tempos primitivos.

Sinto verdadeiro e sincero prazer dizendo que foi S.M. o Imperador, nosso sabio Presidente Honorario, e incansavel Protector, o primeiro, que mandou em Pariz tirar uma copia d'esse precioso manuscrito, demonstrando ainda uma vez o seo desvellado amor pelo estudo da historia patria e o seu apurado gosto pelas raridades bibliographicas.

Foi S.M. o Snr. Dom Pedro 2º o primeiro possuidor d'uma copia da obra do Pº. Ivo d'Evreux.

(Continua.)

DR. CEZAR AUGUSTO MARQUES.

LENDAS DO NORTE

II

A VISÃO DA SERRA AGUDA

A província do Ceará é rica de cavernas de curiosa formação e grandeza. Muitas delas teem merecido o estudo de sabios, assim nacionaes, como estrangeiros, aos quaes devemos memorias e descrições, que nos habilitam a conhece-las, sem as termos visitado.

O povo completa o trabalho da natureza com tradições, que diz estarem ligadas com o descobrimento desses soturnos e medo-

nhos antros. Naturalmente inclinado ao maravilhoso, acredita quem taes tradições se acha o espirito que os habita e os torna deuses nos profanos, que delles se approximam.

Si, porém, existem espiritos dentro em taes cavernas, são elles inoffensivos, e nada os manifesta.

Não se encontra ahí ser vivo, que se pareça com os satyros e com os faunos ou sylvanos, habitantes das espessuras de Grecia e Roma. Nem dryades, que houvessem subido dos bosques contiguos, nem oreades, que houvessem descido dos montes de que taes cavernas são solitarias dobras e recantos, foram jamais encontradas perto ou longe, e muito menos dentro das galerias subterraneas. Não se depara nem mesmo a *caipóra* — graciosa criação dos indios, segundo entendem alguns escriptores, neste ponto discordes de outros que suppõem ter sido inventada pelos padres jesuitas como meio de tornar temerosas áquelles as florestas, e os attrahir á communhão da vida policiada. Podem por alli desgarrar-se os meninos serranos, sem risco de cahirem no poder da divindade anã, que os empolgava outr'ora, cavalgando um tapyr, ou governando uma vara de caitetus, montada no maior delles e precedida dos vagalumes, seus batedores, no dizer do poeta.

Tudo leva a crer que essas cavernas foram objecto de lendas indigenas, como foram e são ainda outras muitas do novo, e do velho mundo. Os mysterios, como as violetas, germinam e desenvolvem-se bem na sombra. A imaginação, semelhante ás aves, que suspendem seus ninhos na folhagem, ou os mettem em lapas escurias, não busca outros logares para scenario de seus delicados dramas. No fundo, e não na superficie dos rios, collocou a primitiva musa brasileira a *mãi-d'água* — feiticeira invenção, que alguns tem por origem africana, por não se encontrar no idioma guarany vocabulo, que a possa exprimir. As mais poeticas lendas da antiguidade teem por assento as florestas umbrosas, os troncos de arvores carcomidas, os lagos perdidos nas entranhas da espessura, enfim os logares e regiões inacessiveis a humano trato.

Nas cavernas, e não nas planicies da Belgica abrigou-se a formosa *lenda dos nutões*, que porei aqui para gratificar os leitores.

Os nutões eram de pequena estatura, como a caipóra, e viviam, não errantes pelos matos, como esta, mas recolhidos a solitarias grutas, onde trabalhavam em toda a sorte de metaes, e donde não sahiam sinão de noite. Os habitantes das vizinhanças iam depor á entrada das officinas, para que os concertassem, os utensis quebrados, e por paga do serviço, deixavam com esses utensis pães de que os brandos anões eram particularmente amigos. Um dia, porém, os camponezes misturaram a massa com cinza, e os nutões indignados desta maldade, retiraram-se daquellas regiões, onde jamais reapareceram.

As lendas singelas que, seguramente, fizeram no passado queridas ou respeitadas dos habitantes daquelles mundos, as cavernas de que trato, perderam-se quasi todas no curso dos seculos, como se

perdem as folhas, da vegetação marginal sobre a face do rio, que atravessa desertos fragosos.

Hoje essas cavernas estão sendo ocupadas, não por espíritos melancólicos, por genios poéticos, ou por serviços anões, seus primeiros habitadores, talvez, mas por aves agoureiras e peçonhentos reptis, amantes da escuridão e do retiro.

Dentro de algumas delas acham-se ainda ossos, que fazem certo haverem existido ali famílias humanas, como nas habitações lacustres da Suissa, ou terem servido de depósitos de seus mortos tais escondrijos.

Algumas tradições, antecipando-se ao exame da ciência, que tem ido arrancar a esses sarcófagos imensos o segredo das gerações extintas, já os apontavam como cemitérios dos tapuyas, dominadores do interior da província. Entra no número destes cemitérios uma caverna existente nas proximidades de S. Francisco. Uma grande lage, assenta no chão, e pendida horizontalmente no centro, dá entrada para uma vasta galeria, onde estavam guardados ossos humanos de diferentes tamanhos.

Outras semelham palácios encantados, tão grande é a sumptuosidade dos seus salões e corredores, de cujos tectos e paredes pendem graciosas incrustações de stalactites. O mais ousado dos seus visitantes não chegou ao fim das magestosas galerias, atravessadas por correntes crystallinas, que desaparecem, com peregrino fragor, por entre columnas colossas, dentro de guellas de pedra limosa e lúbrica.

Não obstante, si as lendas que os povos idos referiam a essas moradas ou tumulos, cahiram de todo no esquecimento, tem o povo do sertão por mal assombradas essas habitações seculares e, sem bem explicar os seus pavores, não se anima a penetrar nelas.

Conta-se que, tendo sucedido a uns sertanejos, que andavam em demanda de gado por aquelas bandas, escurecer perto da gruta da Serra-aguda, que fica no caminho de Baturité e tem fama de encerrar grandes riquezas em suas camarinhos, resolveram, máo grado seu, pernoitar ahi.

O mais animoso delles, tendo-se avizinhou de uma das entradas naturaes, viu de fóra sobre uma mesa de pedra um faqueiro de prata. Diz a tradição que não obstante se mostrara logo esse faqueiro a todos os que alli entraram, ainda nenhum se animou a pôr-lhe a mão em cima.

Attrahido pela preciosidade, e impellido pela cubiga, o vaqueiro avançou alguns passos para a porta; mas entendeu logo em retroceder, amedrontado por um rumor surdo, que partia de dentro.

Seriam serpentes que silvavam e se debatiam sobre as lages imundas? Seriam onças, que rosnavam, como costumam, quando sentem estranhos à entrada de suas furnas, nos escuros antros da rocha? Era o rumor produzido pelo agitar das azas de milhares de morcegos, que esvoaçavam pelos ygastos salões do palacio encantado onde dominam como senhores absolutos?

Ao cabo de algum tempo, estando já fumando em seus cachimbos e deitados em suas rôdes pendentes de umas arvores, que lhes tira-

vam a vista da gruta, viram os sertanejos chegar-se delles uma mulher, cujas feições não poderam bem distinguir, aos frouxos clarões do fogo, que haviam feito para espantar as cobras e as onças.

— Boa noite, meus senhores—disse-lhes a mulher.

Nenhum se animou a responder-lhe.

O sertanejo é corajoso e até destemido, mas algum tanto credulo e supersticioso.

Immoveis, gelados de pavor, nem se atreveram a levantar os olhos á visão que de pé, a um lado delles, estava como á espera de uma palavra para dizer quem era e o que queria, ou revelar, talvez, o encanto da caverna.

Passados alguns minutos em profundo silencio, só entrecortado pelos pios das aves nocturnas, e pelos rumores pavorosos do deserto, ouvio-se chorar um menino da banda da serra.

Incontinenti disse a mulher aos sertanejos estas palavras :

— Dêem licença.

E desapareceu por entre umas juremas, em cujas ramas a unha-de-gato havia formado um embastido difícil de ser atravessado por ser humano, ainda que pequeno fosse.

Transidos de terror, saltaram elles no mesmo instante das redes, cujas cordas alguns cortaram por brevidade da fugida em que se puseram aquella mesma hora, para longe do mal assombrado lugar.

Elles tinhão rasão para se apavorarem do que viam e ouviam.

Aquellas paragens são inteiramente desertas. Na circumferencia de muitas leguas do sitio encantado não se aponta uma só habitação humana.

Eis a historia da visão da Serra-aguda que, sem córtes nem acrescentamentos, deixo aqui relatada tal qual ouvi de parentes meus na meninice.

FRANKLIN TAVORA.

O Lagarto

(CHLAMYDOSAURUS RINGU)

Os saurios ou lagartos formam uma ordem muito numerosa em generos e especies, ordem que Linné tinha outr'ora dividido em dois generos sómente : os *dragões* e os *lagartos*. Divide-se hoje em seis grandes familias : *Crocodilianos*, *Iguanianos*, *Lucertianos*, *Cameleonianos*, *Geckosianos*, e *Scincóidianos*.

A ordem dos saurios compõe-se de todos os reptis que, por sua conformação, approximam-se dos lagartos. Esses animaes todos têm o corpo alongado, terminando-

se por uma cauda mais ou menos comprida, e munido de membros, cujo numeros, com muito poucas excepções, é de quatro.

Todos os saurios têm uma columna vertebral composta de tres ordens de vertebreas, cervicaes, dorsaes e caudae; sua bocca é sempre guarnevida de dentes. A pelle dos saurios é geralmente escamosa: rugosa nos cameleonianos, verrugosa nos geckosianos e iguanianos. Adhere intimamente aos musculos subjacentes e a sua cõr varia singularmente com a idade, o sexo e a época da vida. Algumas especies, tales como os marmorados e os cameleões possuem a facultade de mudar á vontade os matizes da sua pelle; outros, destinados a viver na escuridão (protéos e amphisbénos) apresentam essa etiologia, notável em todos os individuos subtraídos à influencia do sol.

O epiderme é geralmente corneado; mas as diversas fórmas deste epiderme são muito variaveis: as vezes as laminas corneadas distribuidas symmetricamente umas ao lado das outras formam anneis ou verticillos, ex—ophisaurios, chalcidos;— outras vezes constituem pequenos tuberculos distribuidos com symetria perfeita, ex.—tupinambis;—ou ainda formam escudos, tarjas com arestas salientes sinzeladas e sulcadas de fendas e escavações, ex.—crocodilos, dragonnas;—podem também constituir verdadeira juba de laminas verticaes e delgadas collocadas ao comprido do collo, ex.—iguanos lophyros;—podem ser ainda arredondadas e dispostas em fórmula de collar em roda do pescoço dos lagartos.

Os saurios offerecem igualmente grande variedade nos seus movimentos. Os iguanos e os anolis, saurios de dedos allongados, distinctos e armados com unhas aduncas, galgam com rara dexteridade nas arvores; os cameleões, de dedos unidos em dois feixes opposaveis, pulam de galho em galho como macacos e, suspendendo-se pela sua cauda prehensil, imprimem ao seu corpo um movimento oscillatorio do qual se apraveitam para lançar-se na direcção desejada: os geckos, de patas guarnecidias de partes molles e adhesivas pelo vacuo, correm sobre superficies planas e podem alli ficar apezar de seu peso, como moscas aos tectos; os dragões, por suita extensão de todas as suas forças motoras, atiram-se no ar, e se conservam suspensos pelo meio das suas membranas abertas em guarda-queda; enfim grande

numero de especies vivem perto das aguas, e pôdem nellas mover-se com ajuda de suas caudas deprimidas como as dos cetaceos ou comprimidas como as dos peixes.

A alimentação dos saurios é tão variada como as suas fórmas e seus costumes. Os crocodilos, gaviões, tupinambis, perseguem os peixes e os mammiferos, que afogam antes de os devorar ; os monitores, os iguanos, as dragónnias, procuram os ninhos de passaros, devorando os ovos e os pequenos; porém alguns iguanos são unicamente herbívoros ; os lagartos e dragões, caçam os insectos, as lagartas e os vermes e larvas ; os cameleões alcançam no voo os insectos alados pela projecção rápida da sua lingua viscosa e vermiforme ; os geckos attacam os moluscos, crutacéos e annellidos, introduzindo-os inteiros na sua vasta guela e os esmagando com a força dos musculos de seu osso hyoide.

Os iguaninos são geralmente reptis muito vivos. Existem cerca de cento e cincoenta especies nesta familia dividida em numerosos generos, cujos principaes são o dos iguanos e o dos chlamydosaurios.

Os iguanos comprehendem tres especies, todas de grande dimensão. São herbívoros, pela maior parte. A sua carne, muito delicada, é procurada na America intertropical e meridional. Os iguanos existem principalmente no Brazil, em São Domingos no Mexico e Martinica.

Rio, Julho de 1886.

Rod.

ARTES

A Gravura e a Lithographia

A gravura data de 1452, e é devida a Maso Finiguerra. No principio era feita em chapas de cobre.

A gravura em relevo praticava-se em buxo. A galvanoplastia substitue hoje por toda a parte as gravuras sobre madeira na tiragem typographica.

Por meio da chapa gravada, obtinha-se a reprodução de um desenho, de modo a multiplicar-lhe os

exemplares : mas dava-se uma lacuna : era necessario que o desenho do artista fosse reproduzido acuradamente e sem recorrer ao buril ou ao acido.

Aloys Senefelder, que nasceu em Praga em 1771, inventou o processo que, com o nome de lithographia, preenche essas condicões. Filho de comediantes pobres foi actor dramatico mas, sendo mal sucedido nessa carreira, tornou-se copista e gravador de musica, e para abreviar o seu trabalho e torna-lo mais productivo, o intelligente copista inventou substituir a pedra pela chapa de cobre, sobre a qual, por uma receita particular, traçava as notas antes do metal encravar-se nelas por meio do acido.

Uma especie de pedra calcarea das proximidades de Munich lhe pareceu propria para este fim, e depois de muitas provas conseguiu o seu intento.

Continuando nas suas experiencias em outra pedra chamada de Solenhofen, muito rija, Senefelder lavrou com um lapis grosso os traços que queria reproduzir. E animado pelo seu bom exito, Senefelder trabalhou sem descanso para adaptar o material typographico á sua descoberta, e em 1799 a industria lithographica chegou quasi ao estado em que a vemos.

Essa arte espalhou-se por toda Allemanha e Inglaterra.

Um amador esclarecido, o conde de Lasteyrie, fundou, em 1814, em Pariz, a primeira lithographia.

Senefelder, mais feliz do que a maior parte dos inventores, tirou fructos de sua descoberta. O rei de Baviera nomeou-o director do Instituto lithographico, e essa posição permitti-lhe aperfeiçoar o seu trabalho e achar os meios de imprimir em varias cores. Este ramo de arte de lithographica desenvolveu-se nas officinas de Engelmann, de Mulhouse, sob o nome de *Chromolithographia ou Lithochromia*. Senefelder faleceu em 1834.

A' IMPRENSA BRASILEIRA

Agradecemos vivamente a todos os nossos collegas da imprensa, das provincias e da Corte, as provas de sympathia, que nos teem prodigalizado e a benevolencia animadora com que saudaram o primeiro numero d'*O Tempo*.

Os seus elogios nos fortalecerão poderosamente servindo-nos de incentivo para redobrarmos de esforços, afim de vencer as incessantes difficuldades, inseparaveis de publicações d'esta ordem.

A continuaçāo, porem d'essa benevolencia, d'esse auxilio e mesmo da simples justiça de nossos collegas é— nos necessaria para que *O Tempo* torne-se bem conhecido, divulgado e procurado pelo publico, que, subscrevendo-o, poderá prestar-lhe a indispensavel coadjuvaçāo.

Asseguramos a mais viva e perenne gratidão aos nossos collegas, de quem solicitamos que nos sustentem n'este commettimento patriotico.

Adirecção.

NOTICIARIO

Do Exm. Sr. Barão de Paranapiacaba recebemos a *Camoneana Brasileira* obra que é um verdadeiro primor e sinceramente sentimos a falta de espaço pois desejamos dar uma noticia circumstanciada acerca d'esse trabalho.

João Cardoso de Menezes e Souza que, ha longos annos, abrillanta as letras patrias pôde hoje ser proclamado o *Principe da Litteratura Brasileira*.

Honra pois a esse distincto escriptor.

O Exm. Sr. conselheiro Dr. Campos de Medeiros mostrou-nos um numero da «Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano» no qual

acha-se um extenso relatorio do Dr. José Hygino Duarte Pereira, membro d'aquelle instituto, que foi encarregado de extrahir copias e documentos officiaes existentes nos archivos da Hollanda, relativos á luta dos hollandezes no Brazil,

E' um importantissimo trabalho e desejavamos muito que a distincta sociedade pernambucana nos obsequiasse tambem com um exemplar afim de podermos detidamente lê-lo.

Temos recebido regularmente o *Pharol* e o *Aspirante*, jornaes que se publicam em Juiz de Fóra e felicitamos esses collegas pela excellencia de seus escriptos.

Igualmente recebemos a humoristica *Distracção*, orgão de grande espirito e collaborado por pennas distintas.

A todas as pessoas a quem enviamos e a quem enviarmos o nosso jornal rogamos a fineza de devolvê-lo caso não o assignem.

CLUB DE LITTERATURA

O TEMPO

A assembléa geral do *Club de Litteratura*, em sessão de 6 do corrente, resolve, com relação á publicação do *Tempo*:

1.^o Que seja alterado o formato, passando a ser publicado em 8° franez, tornando-se assim mais manuseavel e mais proprio para ser encadernado em volumes;

2.^o Que a publicação passe a ser mensal, contendo cada numero 32 paginas de impressão, alem da capa. A publicação quinzenal toma muito tempo á commissão de direcção, com prejuizo dos estudos de seus membros. Os Srs. assignantes não ficam prejudicados com esta alteração, pois que em cada numero mensal de 32 paginas terão materia correspondentes a mais de dois numeros quinzenaes de 8 paginas em 4.^o

3.^o Que seja reimpresso, em o novo formato, o 1^o numero, sendo cuidadosamente corrigidos os erros, que escaparam á revisão.

Sala das Sessões, E. Castro, Melling, Sá—

Toda a correspondencia deve ser dirigida a rua 1º de março 23, 1º andar.

ASSIGNATURAS

CORTE

1 anno.....	8\$000
6 mezes.....	4\$000

PROVINCIAS

1 anno.....	10\$000
6 mezes.....	5\$000
Avalso.....	1\$000

NOTA.— Rogamos a todas as pessoas a quem enviamos e a quem enviarmos *O Tempo* o favor de devolver-o caso não o queiram assinar.
